CONFLITOS E INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO NO FILME "ESCRITORES DA LIBERDADE"

LIMA, Sirléia Farias* COSTA, Jhonatan Leal da.*

O trabalho que ora se apresenta propõe analisar a narrativa ou discurso veiculado pelo filme "Escritores da Liberdade", dentro da temática do diálogo entre gerações e a socialização dos mais jovens, na sociedade atual. O filme mencionado, sob a direção de Richard Lagravenese, retrata o trabalho desenvolvido por uma professora com jovens de periferia urbana, que vivenciam os problemas de realidades sócio-culturais adversas, na tentativa de fazê-los aprender mais sobre tolerância com os outros e sobre a impotância de valorizar a si mesmos, como fundamentos para persistirem em seus sonhos e em sua formação.

CONFLICTOS E INCLUSIÓN SOCIAL A TRAVÉS DE LA EDUCACIÓN EN LA PELÍCULA 'ECRITORES DE LA LIBERTAD'

El trabajo que acá se presenta se propone analizar la narrativa o discurso que la película 'Escritores de la Libertad' plantea, dentro de la temática del diálogo entre generaciones y la socialización de los más jóvenes, en la actual sociedad. La película mencionada, bajo la dirección de Richard Lagravenese, retrata el trabajo desarrollado por una profesora con jóvenes de la periferia urbana, que vive los problemas de las realidades socioculturales adversas, con la intención de hacer que ellos aprendan más sobre la tolerancia con los otros y sobre la importancia de valorarse a si mismos, como fundamentos para persistir en sus sueños y en su formación.

CONFLICTS AND SOUAL INDUSION THROUGH OF THE EDUATION IN THE FILM "FREEDOM WRITERS"

This work intent to analyse the narrative, or displayed discourse in the film "Freedom Writers", into the dialog subject between generations and yonger socialization in the atual society. The film mencioned whith the direction Richard Lagravenese, showed the work developed by one teacher with suburbs yongs. That

-

^{*} graduandos em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Trabalho escrito sob a orientação da prof^a mestra Normana Passos

lived the problems of adverse realitys. In the trial to make him learmn more about tolerance with the others and about the importance. Of valorize they selves like causes to persist in yout dream and in yout for nation.

INTRODUÇÃO

Ainda que, em alguns casos, de modo antagônico e partindo de perspectivas disciplinares diversas, a construção social das categorias adolescência e juventude seja uma presença recorrente nos artigos e embora, se reconheçam seus estilos, gostos e preferências próprios, outro aspecto comum aos autores é não considerar jovens e adolescentes como tribos, uma vez que participam ativamente da vida social, trabalhando, estudando, constituindo família, votando. Também é comum a percepção de que os jovens constituem uma geração, na medida em que vivem em determinado contexto histórico e cultural, mas ao mesmo tempo, se diferenciam.

A cultura entre os homens se transmite de uma geração a outra pela educação. Ou seja, todo contato humano é educativo se promove o bem e a integração; e é deseducativo se dele resulta o mal e a desintegração. A educação dissemina a cultura e a transmite de geração a geração, porém, essa cultura vai sofrendo adaptações e mudanças através dos tempos, resultando em conflitos entre as gerações.

ANTES DE QUALQUER COISA: UMA ABORDAGEM DO CONCEITO DE RAÇA, ETNIA E IDENTIDADE

Separamos um bloco para refletirmos sobre o conceito de raça, etnia e identidade, a fim de pensarmos em o quanto esses conceitos foram sendo transportados da ciência e caindo no popular, tomando uma face errônea.

Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano razza, que por sua vez, veio do latim ratio, o qual significa sorte, categoria, espécie. O conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi nesse sentido que o naturalista sueco Carl Von Linné, classificou as plantas em vinte e quatro raças, hoje não mais utilizada.

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo sem/ântico e uma dimensão temporal e especial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que tem um

ancestral comum e que possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier empregou o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças.

Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição aos Gauleses, população local identificada como plebe.

Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal, merece uma explicação científica. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento.

É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teria servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racionalismo (MUNANGA, 2002, p. 13).

O conteúdo de raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, tem um ancestral comum, tem uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão, uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.

BARREIRAS NA REALÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Segundo Grossi (1990, p. 49)"só se aprende em contato com um outro; não aprendemos sozinhos, porque todo desejo é desejo do outro e todo conhecimento do outro".

A interação entre duas ou mais pessoas é definida em conjunto. Nos primeiros olhares, nas posturas corporais, nos tons de voz, nas palavras ou no silêncio reconhece-se o outro e faz-se a apresentação de si próprio a ele. Um dos primeiros fatos que se percebe numa relação interpessoal são os afetos e , logo em seguida, a informação transmitida pelo teor destes.

Os afetos vivenciados e os juízos de valor adquiridos no convívio social e a eles associados fundamentam as atitudes das pessoas, que muitas vezes estão cegas às dinâmicas que se apresentam em suas interações. O que se percebe são jogos de poder, muitas atitudes baseadas em preconceito, em profecias sobre a atitude do outro, cheias de estereótipos que se auto-realizam e destroem as relações.

Admite-se, então, que as barreiras à transmissão de informação e à sua elaboração estão na relação desenrolada no relacionamento professor-aluno. Verifica-se que os problemas se originam, sobretudo, na ma maneira de pensar (no imaginário de cada um) e de interagir, pois o aprendizado cultural muito influencia a forma de lidar consigo e com o outro. Por outro lado, cada indivíduo tem o poder de modificar suas relações, alterando a sua maneira de tomar decisões e, conseqüentemente, mudando a estrutura do sistema.

Quando um indivíduo apresenta uma atitude que contradiz a imagem e o padrão de comportamento esperado pelo outro, este geralmente demonstra revolta, indignação e, às vezes, até ameaças.

Esse dilema em busca de manipulação, que geralmente ocorre nos relacionamentos humanos, surge também na prática pedagógica. Quando o professor espera e exige a apresentação de algum tipo de atitude e interesse do aluno, este assim o percebe e sente-ser coagido a se comportar.

Então, para um professor que não quer questionar a sua prática e um aluno auto- suficiente, estando ambos acostumados com a uniformidade intelectual de emoções, de objetivos e ações, é mais fácil caírem nas armadilhas dos jogos manipuladores interpessoais. A aprendizagem para ambos não ocorre, a não ser o fortalecimento e a reprodução de um saber que é passado entre gerações sem uma atualização. O potencial criativo foi cercado, além de a naturalidade e a espontaneidade de ações serem inibidas.

A aprendizagem é uma construção que se dá, primeiro, pela presença da relação e, segundo, pelo desejo de uma parte, pelo menos, que pode sensibilizar a despertar o desejo do outro.

No vínculo do aprendizado professor-aluno, aparecem diversos valores, culturas e diferentes significados entre aquele que aprende e quem ensina (não sendo o professor o único que ensina). Até mesmo o objeto de conhecimento é algo valorizado socialmente de diferentes formas, dependendo também da sua utilidade dentro das experiências de cada um.

Dessa forma, a cultura, a linguagem e, até mesmo, as diferenças de gerações podem tornar-se barreiras ao aprendizado caso não sejam compartilhadas na relação e bem entendidas.

Então, não só os preconceitos individuais calcados em defesas emocionais que fundamentam as profecias nas interações humanas. Muitos desses preconceitos são criados através de valores, estereótipos e preconceitos culturais, alicerçados em diversos casos, em conhecimentos e práticas reconhecidas como científicas.

Ensinar, ou melhor, ainda, suscitar a aprendizagem é uma tarefa bastante sutil. Envolve muita sensibilidade consigo e com o outro, a busca da percepção consciente

das dinâmicas da relação e a permissão interna para se relacionar. Relacionar-se com outra pessoa implica entrar em acordos, conflitos, impasses, identificações e ter a vivência de diversas emoções prazerosas, desprazerosas e angustiantes, mas, com a possibilidade da realização de um encontro muito maior consigo e com o outro, favorecendo, assim, o auto e heteroconhecimento.

Não é nada fácil ensinar. As relações são trabalhosas e exigem empenho e disposição.

Ao professor não basta ter conhecimento técnico e teórico sobre a disciplina ministrada. Ele precisa estar disposto a preparar-se emocionalmente para trabalhar as relações com o aluno, com os outros professores e a administração em sua instituição escolar. O seu maior instrumento profissional é o seu desenvolvimento como pessoa, o que, em outras palavras, lhe possibilitará ser um agente facilitador das relações interpessoais que vivencia em seu trabalho. E, conseqüentemente, criará um ambiente propicio ao principal objetivo de sua profissão: a aprendizagem.

ESCRITORES DA LIBERDADE

O filme norte-americano *Escritores da Liberdade*, lançado em 2007, foi dirigido por Richard LaGravenese e estrelado por Hillary Swank, que vive a Sra. Gruwell. O longa se passa na preconceituosa Los Angeles de 1994 e apresenta como principal cenário a Escola Woodrow Wilson, instituto recebedor de alunos em livre condicional.

A narrativa inicia com a recém formada professora de inglês Erin Gruwell, que conversa com Marta, Chefe de Departamento, sobre as turmas que irá assumir durante aquele ano letivo. É nesse momento que os conflitos gerados pelos diálogos entre diferentes gerações começam a ser formulados, ainda que de maneira sutil. Ao observar o planejamento escolar produzido por Erin (uma professora nova e com muito ânimo para por em prática tudo o que aprendeu durante os anos que passou na universidade), Marta (uma senhora desiludida e embriagada no pessimismo gerado pela experiência) alerta que algumas modificações serão necessárias no plano de aula, uma vez que os alunos não tiram boas notas e jamais seriam capazes de ler um livro como *A Odisséia*.

Apesar da dose de desanimo injetada pela chefe, Erin vai confiante para a sala 203 e se depara com situações que não estavam em seus planos. O primeiro fator a chamar a atenção da professora foi a divisão ideológica instituída em sala de aula. Os negros não se misturavam com brancos, que não se misturavam com asiáticos, mas compartilhavam um ódio mútuo. A desordem e a falta de respeito se manifestavam de

tal forma, que era impossível ministrar algum conteúdo para aqueles adolescentes. É identificado o segundo conflito entre gerações, em um diálogo que mal chega a acontecer, intercalado pela professora e os rebeldes estudantes.

O diretor Brian Gelford, movido pelos fracassos obtidos ao longo de sua trajetória profissional, pede que Erin não se preocupe com o desinteresse dos alunos, pois metade destes, até o segundo bimestre, já terá abandonado as aulas. Com o pai da Professora Gruwell não ocorre diferente. Ele afirma que se preocupa por saber que sua filha trabalha cercada de delinqüentes e que desperdiça seu talento com pessoas que não estão nem aí para a educação.

A personagem de Erin se encontra em um embate com pessoas de diferentes gerações. Seus alunos, por serem mais novos, estão munidos de uma overdose hormonal capaz de fazê-los se rebelar perante os mais velhos como forma de se afirmarem em sociedade como indivíduos possuidores de opinião. Seus superiores (em termos hierárquicos), por terem passado pelos mesmos estágios de desejo de transformação, sem obter êxito, acreditam que toda medida com esse objetivo é inválida, pois vinculam ao próprio fracasso, chamados por eles de "experiência".

O segundo ato da narrativa se anuncia com uma conversa sobre gangues que a Sra. Gruwell tem em sala de aula com seus alunos. Ao perceber que existem assuntos de maior necessidade para serem tratados em sala de aula, ela abandona o conteúdo a ser ministrado e faz perguntas de cunho pessoal e ideológico. Os alunos, ao notarem que finalmente estão sendo ouvidos, demonstram um interesse não visto até então. É nesse momento que um dos adolescentes afirma que participa de gangues e que seria capaz de morrer ou cometer assassinatos para proteger os seus. Erin, na posição de mediadora, faz sua interferência indagando se eles, após se oferecerem em sacrifício, serão lembrados por isso. O diálogo, pouco a pouco, começa a criar forma através da reflexão provocada pela professora.

Após ter instigado os alunos, tratando de temas subjetivos a eles, Gruwell faz uso de sua técnica para relacionar a realidade daqueles adolescentes com a luta de raças existente na Segunda Guerra Mundial. Para que os alunos adquirissem a necessidade de tolerância mútua, a professora foi até a biblioteca em busca de *O Diário de Anne Frank*, relato de uma adolescente judia obrigada a viver escondida dos nazistas durante o holocausto. Mas a chefe de departamento interfere mais uma vez e proíbe Erin de retirar os livros das prateleiras. Diz que os alunos nunca conseguiriam ler um livro sobre o holocausto, e que se estes fossem parar nas mãos deles, eles iriam danificá-los. Erin respeita a autoridade de Marta, mas não desiste de sua ideia.

Gruwell decide trabalhar como vendedora de roupas íntimas em suas horas vagas para comprar os livros para os seus alunos, atitude que provoca a indignação de sua chefe. Os estudantes também se surpreendem com essa iniciativa, mas meses depois, com os livros em mãos, dão início a leitura dos mesmos. A indiferença dos adolescentes para com a professora é rompida. Todos passam a interagir durante as aulas, com indagações a respeito da dolorosa história de Anne Frank, tão similar a de muitos deles. Para dar embasamento à leitura do romance, Erin os leva a um museu memorial das vítimas da segunda guerra. Ao se deparar com as atrocidades cometidas pelos nazistas e relacioná-las com as atitudes preconceituosas que eles mesmos possuíam, os alunos deram largada a um processo de tolerância que mudaria definitivamente o convívio deles em sociedade.

Quebradas as barreiras ideológicas que os impediam de viver em harmonia com diferentes grupos, os alunos passam a respeitar e valorizar o trabalho da professora Gruwell. Revigorada com o reconhecimento dos alunos e satisfeita com a identificação deles com a obra de Anne Frank, Erin decide fazê-los escrever um diário, como acontece com a personagem. Oferece um caderno para cada um, e dia após dia eles passam a relatar seus anseios, medos e ideais.

Podemos relacionar tal técnica com o que o educador Cipriano Luckesi, em *Avaliação da Aprendizagem Escolar*, explica sobre a avaliação diagnóstica, as possibilidades que são dadas aos professores de evidenciar atributos que os alunos já possuem e identificar potencialidades dos mesmos para utilizá-los na estruturação do processo de ensino aprendizagem.

A mudança no comportamento da turma de Erin é notável. Os alunos de outras salas começam a demonstrar interesse na 203, e pedem transferência. Seus atuais alunos exigem que ela ensine a eles nos próximos anos. A chefe de departamento, sem tolerar a ascensão de uma principiante, procura um órgão superior na tentativa de impedir o progresso de Gruwell, argumentando que esta não tem capacidade de ensinar no 3º e 4º ano por ser muito jovem. Em sua visão, os alunos ganhariam mais com professores mais experientes, como ela, que ensina há 30 anos. É dado o ápice do conflito no diálogo entre gerações.

Enquanto isso os alunos de Gruwell, ainda envolvidos com os depoimentos reais de Anne Frank, descobrem que uma das personagens apresentadas no livro ainda é viva. Decidem, portanto, mandar cartas para ela, descrevendo a importância da história de Frank em suas vidas. Erin, mais uma vez, tem uma ideia plausível: resolve arrecadar dinheiro para que os alunos pudessem trazer pessoalmente a senhora que conviveu com Anne. Após inúmeras festas em prol desta causa,

realizadas pelos alunos com o apoio da comunidade, eles alcançam seu objetivo. A mulher que abrigou Anne Frank vai até a Escola Woodrow Wilson e realiza um diálogo emocionante com todos os alunos da instituição.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire mostra que os alunos saem da condição de marginalidade de oprimidos e iniciam no campo das possibilidades, ao lutarem pelos ideais não com a violência, mas com o conhecimento. Para ele, a educação tem um papel indispensável no implemento de novas realidades sociais, a partir da conscientização de cada ser humano como artífice de possíveis avanços em sua própria vida e, principalmente, em sua comunidade.

Como se não bastasse todas as melhorias causadas pelo seu empenho, Erin consegue com um impresário doações de vários computadores, para que seus alunos pudessem digitar tudo o que escreveram em seus diários ao longo do ano. A documentação dos relatos se transformou numa coletânea a vir ser publicada em um livro intitulado de *Escritores da Liberdade*. Com o aval de ensinar em turmas de 3º e 4º ano, Erin Gruwell não parou de transformar a realiade dos alunos da sala 203.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para provocar mudanças é necessário engajamento e esforços próprios. Resistência aos novos paradigmas pedagógicos. O filme deve ser visto com apreço pela sua ênfase no papel de educação como mecanismo de transformações individuais e comunitárias.

As mazelas da educação brasileira não são tão diferentes das mazelas norteamericanas.

REFERÊNCIAS

GROSSI, Esther Pillar. *A Contribuição da Psicologia na Educação*. In **Contribuições das Ciências Humanas para a Educação: a Psicologia**. Em aberto, Brasília, ano 9, nº 48, out/dez. 1990, p. 45-50.

MUNANGA, Kabengele. A identidade negra no contexto da globalização. In **Ethos Brasil**, ano $I-n^0$ 1, março de 2002, pp. 11-20. – UNESP.